COELHO NETTO ENTRE MODERNISTAS

MARCOS ANTONIO DE MORAES

FFLCH/DLLV
Universidade de São Paulo

Resumo

O artigo reavalia a presença do escritor acadêmico Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934) no ambiente da vanguarda brasileira do início do século XX; historia confrontos, desvela aproximações, perscrutando as diversas faces do relacionamento dos modernistas (Graça Aranha, Oswald e Mário de Andrade, entre outros) com aquele que foi considerado em seu tempo o "antípoda" da arte moderna. O artigo apresenta cartas de Coelho Netto referindo-se aos "futuristas".

Palavras-chave

Coelho Netto;
Modernismo;
epistolografia;
Mário de
Andrade;
historiografia
literária.

Abstract

The paper reevaluates the presence of the academic writer Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934) in the setting of the Brazilian avant-garde in the beginning of the twentieth century; it recounts clashes and unveils contacts, thus probing the many facets of the relationship between the modernists (Graça Aranha, Oswald de Andrade and Mário de Andrade, among others) and the person who was at the time considered the "antipode" of modern art. The article presents letters in which Coelho Netto refers to the "futurists".

Keywords

Coelho Netto;
Modernism;
epistolography;
Mário de
Andrade;
literary
historiography.

Manuel Bandeira, concluindo carta 13 de setembro de 1925 a Mário de Andrade, lança uma pergunta, misto de assombro e provocação: "E o Villa em concubinação com Coelho Netto?". Bandeira se referia à conferência que o "príncipe dos prosadores brasileiros" faria preceder à apresentação de Heitor Villa-Lobos no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, em 22 de setembro. O evidente paradoxo causava certo mal-estar, pois colocava um dos ícones do "passadismo" em larga camaradagem com o músico "genial", estandarte dos "avanguardistas" da Semana de 22. Essa relação escusa – "concubinação" – provocou reservas e apartes no grupo modernista. Do Rio de Janeiro, Mário ainda receberia outra carta comentando o caso. Vinha de Renato Almeida, ensaísta e musicólogo, ligado por afinidades estéticas a Graça Aranha e Ronald de Carvalho, trio que, à sorrelfa, recebeu dos contemporâneos a alcunha de "a mesa" – alusão à foto que, em março de 1922, a *Revista da Semana* estampara, mostrando os três literatos, em pose, apoiados no dito móvel. Esse pequeno grupo, com veleidades teorizadoras e de experimentalismo moderado, configurava, segundo Manuel Bandeira, uma "frente unida" que se batia "pelo equilíbrio entre o sentimento nacional e a cultura universal".¹ Renato, certamente em sintonia com a opinião de seus pares, afirmava, desalentado, na missiva endereçada a Mário de Andrade:

O Villa acabou de fazer uma coisa que muito me chocou – convidou o Coelho Netto para falar e patrocinar um concerto. Por isso, meu Mário, é que cada vez eu me escondo mais e creio que não seremos menos úteis trabalhando sem ligações. Cada macaco no seu galho.

A conferência "Villa-Lobos", reproduzida na imprensa carioca, também chega às mãos do autor de *Paulicéia desvairada*, que, atribuindo-lhe alguma importância, a conserva em seu arquivo. No jornal, o discurso ainda recebe um adendo explicativo, onde se observa o confronto do orador com os modernistas. Nessa palestra, não muito extensa, onde cabiam citações em francês, nomes estrangeiros denotando erudição, bem como o poema "Música brasileira" de Bilac –, tudo

¹ Carta a Mário de Andrade, 13 de outubro de [1924]. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, Org. Marcos Antonio de Moraes, São Paulo, Edusp/IEB, 2001, p. 138.

costurado pela rica imagética literária de Coelho Netto – pode-se encontrar, logo de início, uma justificativa para a aparente contradição de um acadêmico apresentar este “compositor de moldes tão bizarros”. Exime-se de qualquer posição crítica, situando-se desde o início como “amador apaixonado” de música. Assim poderia dizer apenas o que “sentia”, diante daquela “Arte rebelde”. Protegendo-se com anteparos engenhosos da linguagem e uma nobre urbanidade, Coelho Netto vai assinalando, ao longo da elocução, as suas diferenças irreconciliáveis com a expressão musical moderna. Deixa transparecer, não obstante a confessada ignorância em técnica de música, um ar de superioridade em face daquele que fora “consagrado na Europa”. Enxerga na melodia das composições de Villa-Lobos o “disforme”, julgando algumas dessas produções “verdadeiras caricaturas”. Reconhece no músico o vigor da criação, mas, para ele, essa arte ainda se encontrava em estado bruto, a caminho do necessário burilamento: “A sua música [...] está, por enquanto, fêrvida, acachoadada, revolvendo-se em turbilhão espumoso: catadupeja, ruge, atroa desordenadamente. Há de chegar à planície e, remansada e límpida, correrá em rio, cantando docemente, reproduzindo todos os sons da Pátria”.

A querela dos “antigos” e “modernos” permeia essa conferência, sugerindo a presença de um diálogo implícito de Coelho Netto e seus adversários. Para o conferencista, Villa-Lobos caracterizava o rompimento com o passado. “Rebelde, insurge-se contra regras, refusa conselhos, aberra-se dos cânones. Não quer semear em terreno restolhado, mas em terra virgem. Renuncia a herança dos antepassados, desiste de todo o patrimônio artístico para construir por si, com o seu próprio esforço e em terreno conquistado palmo a palmo, a golpes de talento.” Ao fim da explanação, minando a seqüência aparentemente elogiosa, pergunta-se: “Será isso possível?” E responde, coerente com a sua posição nas letras, pregando em favor das... raízes firmes da “tradição”. No texto que Coelho Netto acrescenta ao discurso, na divulgação jornalística, explicita a queixa contra “certos mocinhos da grei chamada ‘futurista’, porque entenderam que Villa-Lobos traíra convidando-me para figurar no programa do seu festival, a mim, ‘um passadista ferrenho’”. O autor de *Turbilhão*, hábil, capitaliza as diferenças, ao se aproveitar da valorização da autonomia e da independência com que distinguira o compositor homenageado: “Mas será Villa-Lobos futurista? Não! Disse-m’o ele próprio, com energia. Nem futurista, nem passadista – Eu sou eu!”. Assim, Coelho Netto pode finalizar o texto compondo a própria imagem, colada àquela que ofereceu ao homenageado:

O mesmo digo eu e, para que não insistam em arrolar-me em bandos, declaro que não sigo bandeiras nem pendões, que não tenho compromisso de escolas, que faço livremente o que entendo, que eu sou eu, enfim, e só! Ou em latim, que é mais grave: *Ego sum qui sum*. E tal como sou é que devo e quero ser julgado.

A figura literária de Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934), como se percebe, se tornara o antípoda da arte que se impunha como nova. No processo de sedimentação da “vanguarda” brasileira, o escritor maranhense passou a simbolizar todo um período beletrístico e vazio que sucedera a Machado de Assis e Euclides da Cunha. Encarnava a literatura oficial da Academia Brasileira de Letras, de que fora fundador e, em 1926, presidente, figurando como exemplo de expressão

hedonística. Manchava-lhe ainda a efígie um desabusado verbalismo, visto por muitos de seus detratores como ornamental, vazio, apenas um artifício que, ao privilegiar a forma – a brilhatura plástica/sonora das palavras –, provocava o afastamento das causas mais prementes de sua época. Com todos esses “atributos” e mais a circunstância de que, no período mais beligerante do modernismo, Coelho Netto era um sobrevivente da “belle époque” literária, em plena atividade, a ele destinava-se prioritariamente os ataques da “matilha do futurismo”, como qualificara os modernistas em uma carta de 1923. Os outros dois escritores símbolos de uma época singular – a do culto à palavra – já haviam descido à campa. Nesse mesmo 1923, morrera Rui Barbosa; em 1918, Olavo Bilac.

Profícuo criador, mestre em amplificar imagens sobre imagens, o próprio Coelho Netto ajudou a construir a sua ambígua figuração – um telhado de vidro. Segundo João do Rio, na entrevista que realizou com o escritor para a série “O momento literário”, que se publicava entre 1904 e 1905 na *Gazeta de Notícias* carioca, Coelho Netto era o homem que ombreava o inglês Rudyard Kipling, pois jogava “com maior número de vocábulos. Alguém já lhe calculou o léxico em 20.000 palavras”. Mas, a se levar em conta as defesas *pro domo* feitas pelo entrevistado, já lhe pesavam graves críticas à sua literatura: “preciosismo”, “abundância de atavios”, “mercenarismo”, vultoso número de publicações etc. Tinha, aos 40 anos, 50 livros “acabados” e uma ativa produção em periódicos; era, enfim, o verdadeiro homem de letras – aquele que escolhera “viver apenas da própria pena”. “Sou um trapista do trabalho [...] quero, e mourejo como um servo da gleba...”,² explica Coelho Netto a João do Rio. Contudo, o que perdura como auto-referência é a expressão que o próprio escritor cunhara na conferência “A palavra”, proferida em setembro de 1905 e depois incluída nas *Conferências literárias* (1911): “O vocabulário é o homem”.³

Alceu de Amoroso Lima, em 1919, imbuído do espírito de “renovação intelectual”, forja um veredicto contundente sobre a obra de Coelho Netto na resenha crítica de *Falando...*, volume que reunia a produção oratória do escritor. Em consonância com a postura artística do conferencista, Alceu nota que a expressão literária do autor de *Miragem* degenerava-se em “mero sensualismo verbal”, perdendo o compromisso com o real e o pensamento. Era, assim, Midas a *contrariu sensu*: “Coelho Netto é o menos humano de nossos escritores. Literatiza tudo que toca. Para ele só há imagens, comparações, música de palavra, colorido de frases”. O crítico admite a vitalidade do acadêmico em seu compromisso com a vida literária brasileira, bem como sua erudição. Todavia, essa última qualidade figurava-se-lhe como armadilha, pois o escritor se desmandava no acervo cultural grego: “Coelho Netto tem uma grande cultura: perdeu-se nela”. Era, enfim, o “pomposo, brilhante, engalanado” que deveria meditar sobre o mito de Anteu.⁴

² “Coelho Netto”, in João do Rio, *O Momento literário*, Org. Rosa Gens, Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Livro, 1994, pp. 51-60.

³ “A palavra/(Conferência realizada no Instituto Nacional de Música a 23 de setembro de 1905”, in H. Coelho Netto, *Páginas escolhidas*, Org. Paulo Coelho Netto, Rio de Janeiro, Vecchi, 1945, p. 142.

⁴ “Coelho Netto”, in A. A. Lima, “Primeiros estudos”, *Estudos literários*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1966, pp. 78-80.

Este, como se sabe, era um gigante da mitologia grega, que, nas lutas, ao tocar a terra, recobrava as forças, tornando-se invencível. Héracles, descobrindo o ponto fraco, o mantém suspenso no ar e o esmaga. Trocando em miúdos, na tentativa de compreender a imagem criada por Alceu Amoroso Lima: longe da “naturalidade” (o “chão”), a arte de Coelho Netto não sobreviveria.

Mesmo entre os pretensos “futuristas” de primeira hora, Coelho Netto teve seus admiradores. Em 1920, Menotti del Picchia, o “Gedeão do modernismo”, desorientado ainda nas perspectivas da modernidade, colocava no mesmo redil vanguardista uma heterodoxa galeria de literatos e artistas. Brecheret, Martins Fontes, Monteiro Lobato, Mário e Oswald de Andrade acotovelam-se nas crônicas assinadas pelo próprio Menotti ou por algum de seus pseudônimos, entre os quais estava o arauto da vanguarda, Hélios; modernolatria (a cidade, o aeroplano, a máquina...), nacionalismo e Jecas acomodam-se sem estranhamentos na pena do articulista. Como Aristophanes, em 13 de janeiro, o cronista social d'A *Gazeta* faz o elogio de Coelho Netto, que viria a São Paulo pronunciar uma conferência sobre o compositor alemão do século XVIII, C. W. Gluck. O articulista situa o orador visitante como “soldado [...] na primeira fila” – vanguarda, em sua definição mais justa! – “mais que soldado, chefe em plena luta a esbanjar, com galhardia de Cyrano, coragem e a infundir alento nos que se estreitam em seu redor”. Desenvolve uma apologia à “mocidade eterna do seu espírito”, capaz de renascer vigorosa em cada nova geração. E empregando uma linguagem “coruscante”, símile daquele a quem louvava, ainda convalida – com visível sinceridade – uma notável qualidade de Coelho Netto: o “fulgor relumbrante” de seu estilo. Termina a crônica, chamando-o de “o grande Mestre da nossa língua”, “o inconfundível expoente da nossa raça e um orgulho das letras nacionais de todos os tempos”.⁵

Em paragens modernistas, no segundo número de *Klaxon*, em junho de 1922, Coelho Netto é atingido pelas flechas de Oswald de Andrade. Em estilo telegráfico e um tanto confusionista, sob a rubrica “Escola & Idéias”, Oswald dialoga com um artigo sobre pintura moderna publicado pelo crítico belga Roger Avermate no primeiro número da revista. Talvez hoje se tenha dificuldade de compreender essa mensagem cifrada, mas a oposição a Coelho Netto é clara. Repúdio, em todo caso, que só podia honrar o autor de *Treva*, dada a companhia ilustre com que privava o ostracismo literário: “O péssimo = a interpretação = Romantismo. Vejam o ruim de Shakespeare, o ruim de Balzac. Zola inteiro. José de Alencar inteiro. Coelho Netto inteiro”. Mas não será difícil compreender os fundamentos do desprezo de Oswald pelo acadêmico, compulsando-se as entrevistas e estudos retrospectivos do modernismo que realizará ao longo da vida. Em 1925, determinando as bases artísticas da poesia pau-brasil, encaixa como contraponto dessa expressão lírica a

⁵ M. del Picchia, *Menotti Del Picchia. O Gedeão do modernismo: 1920/22*, Org. Yoshie Sakiyama Barreirinhas, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 59-61.

“parlapatice léxica” de Coelho Netto e a “cantata decassílabas” de Bilac.⁶ Esses festejados escritores da cultura oficial simbolizavam para Oswald toda uma época de “servidão intelectual e adesismo político”,⁷ “formas de adaptação mental” na literatura brasileira.⁸ Bem depois, como se veria em “O sentido do interior”, palestra de Oswald realizada em Bauru, em 1948, a lição do Modernismo fica circunscrita ao ataque a três frentes – a influência européia, o estilo floreal e a língua castiça de Portugal – personificadas pelos seus expoentes americanos: “contra a Grécia de Bilac e contra as idealizações postíças de Coelho Netto e também contra a língua vernaculista e erudita de Rui Barbosa”.⁹

Mas a literatura também se faz com a (nem sempre desprezível) *petite histoire*. Na biografia de Oswald, não se perderá de vista o dândi que ele foi, freqüentando, no Rio de Janeiro, em meados da década de 1910, as rodas literárias acadêmicas. Aprendiz das letras, acompanhava-se de Olavo Bilac, adentrava as casas de Alberto de Oliveira e de Olegário Mariano. Só não tinha franqueadas para ele as portas de uma casa na Rua do Roso, lar e salão literário de Coelho Netto; e este não escondia a animosidade que cultivava pelo jovem Oswald “cumprimentando-o friamente” nos encontros casuais. Explica a biógrafa Maria Eugênia Boaventura: “Oswald tinha certa birra com esse escritor por suas atitudes em relação à Carmen Lydia”. Com efeito, o futuro autor do manifesto antropófago viajava ao Rio de Janeiro com menos interesse em participar das tertúlias literárias do que com o desejo de cumprir a paixão arrebatadora pela bailarina adolescente Carmen Lydia, amor que pode ser contado em muitas peripécias rocambolescas. A pequena notável, custeada por Oswald, cursava a Escola Dramática, naquele momento, sob a direção de Coelho Netto. Essa antipatia mútua de entretrens biográficos teve uma contrapartida no terreno literário em 1927. Nesse ano, a Academia Brasileira de Letras, em seu prêmio de “Romance”, atribuiu “menção honrosa” à *Estrela de absinto* de Oswald de Andrade, prosa de alma penumbriada escrita entre 1917 e 1921. O parecer foi redigido por Coelho Netto, demonstrando generosa simpatia:

É obra de ação vertiginosa na qual se destacam com relevo forte estranhas figuras de uma comédia trágica, profundamente humana. Original no assunto, vibra na agilidade fremente dos diálogos sempre naturais. Algumas de suas cenas impressionam como projeções cinematográficas tanta e tão verdadeiras e nelas a vida intensa no estro e na movimentação.¹⁰

⁶ Entrevista de Oswald de Andrade a *O Jornal* (Rio de Janeiro, 8 jun. 1925). O. de Andrade, *Os dentes do dragão. Entrevistas*, Org. Maria Eugênia Boaventura, São Paulo, Globo, 1990, p. 22.

⁷ “Informe sobre o modernismo”, O. de Andrade, *Estética e política*, Org. Maria Eugênia Boaventura, São Paulo, Globo, 1991, p. 98.

⁸ No “Roteiro de Upsala”, projeto de Oswald de Andrade para um curso universitário de Estudos Brasileiros em Estocolmo nos anos 40, o escritor insere entre os 25 tópicos: “(20) Formas de adaptação mental – Bilac, Coelho Netto” (in M. E. Boaventura, *O salão e selva. Uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*, São Paulo, Unicamp/ Ex Libris, 1995, p. 197).

⁹ O. de Andrade, *Estética e política*, op. cit., p. 198.

¹⁰ Os eventos biográficos aqui descritos em traços esquemáticos encontram-se em M. E. Boaventura, *O salão e selva*, op. cit., pp. 48; 55-60; 131.

Se nos discursos da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 22, Coelho Netto não foi nomeadamente lembrado, em um segundo evento de afirmação propagandística e bombástica da vanguarda brasileira, o autor de *Tormenta* se torna protagonista. O palco, agora, é o Petit Trianon, o salão nobre de reuniões da Academia Brasileira de Letras, em 1924. O antagonista, Graça Aranha, que anunciava para o dia 19 de junho, às 17 horas, a conferência "O espírito moderno". O potencial polêmico do assunto – um "imortal" criticando a postura acadêmica – criava expectativas que podiam ser medidas pelo interesse dos jornais cariocas nos dias que antecederam a conferência. O autor de *Canaã* desempenhava um papel incômodo: era membro fundador da Academia (por insistência de Machado e Joaquim Nabuco) e tinha plena convicção de estar oferecendo, aos modernistas, orientação filosófica e estética relevante. Na tarde de 19, no recinto pequeno para tantas testemunhas, os guardiões da "tradição literária" ladeavam alguns representantes modernistas, entre os quais Ronald de Carvalho (laureado, aliás, pela Academia em 1919, pela sua *Pequena história da literatura brasileira*), Renato Almeida, Alceu Amoroso Lima, Augusto Frederico Schmidt e até Mário de Andrade que se deslocara de São Paulo ao Rio de Janeiro para ouvir a elocução de Graça Aranha. Elegante em seu terno cáqui, depois de aberta a sessão pelo presidente Medeiros de Albuquerque, o escritor inicia a sua tão esperada fala.

"O espírito moderno" propunha, em linhas gerais, a criação de uma arte brasileira original, que superasse a imitação de modelos espirituais e artísticos estrangeiros. Repelia a arte que imitava a "natureza". "Em vez de imitação, criação", resume o orador, afinal "o espírito moderno é dinâmico e construtor". Esse cerne de um projeto nacionalista bastante compreensível, mas pouco problematizador, envolvia-se em um manto de erudição. Graça Aranha tomara para si a tarefa de criar uma filosofia que justificasse a arte moderna. Havia, então, proposto o "objetivismo dinâmico", a libertação do "subjetivismo" que desde a Idade Média até o Romantismo (e mesmo depois) transformava a obra de arte em uma mera impressão pessoal. Era preciso captar "as forças independentes do eu". Percebendo a armadilha dessa proposição, desfere o seu preceito filosófico:

A objeção fácil de que toda a visão, toda a sensação do mundo é subjetiva e de que a arte não pode ser independente do eu, do sujeito que a exprime, está prevista e repelida na síntese, que leva o espírito humano a sentir-se um com todas as coisas, a abolir o próprio eu para exprimir a vida, a ação dos objetos, movidos pelas suas forças e nesse dinamismo realizar a emoção estética, que nos funde no Universo.

Graça Aranha convoca, assim, os pares acadêmicos para que se faça valer o "espírito moderno". E não deixa de enumerar exemplos de alguns dos "espíritos jovens": Villa-Lobos, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Brecheret, Oswald de Andrade... (mas, ainda, Agripino Grieco e Jackson de Figueiredo...).

A reboque de suas proposições estéticas e artísticas, o conferencista procede à reavaliação do papel cultural da Academia Brasileira de Letras. Os termos de sua

crítica são severos. A Academia, para Graça Aranha, além de imitação servil da similar francesa, com suas quarenta cadeiras (tantas para tão poucos valores efetivos no Brasil), era um "equívoco", pois no país ainda não havia uma verdadeira tradição literária a ser "zelada". Prega um novo direcionamento para a instituição de letras que, em todo caso, já existia: o afastar-se da expressão literária lusa, que tinha se tornado um "jugo" para os escritores brasileiros. Afinal, diz, com estrépito de orador: "Não somos a câmara mortuária de Portugal". Contudo, foi outra frase de grande força polêmica que causou celeuma: "Se a Academia se desvia desse movimento regenerador, se a Academia não se renova, morra a Academia".¹¹

Durante a fala, alguns aplausos e instantes de constrangimento. Um jornal documenta que Mário de Andrade teria gritado um "não apoiado" quando Graça Aranha censurava o regionalismo em seu discurso. Por fim, *noblesse oblige*, a ovação. O "escandaloso tumulto no Petit Trianon", como notícia o *Rio-Jornal* no dia seguinte, mostra-se quase como consequência natural. Osório Duque Estrada – que se autoconsiderava "o guarda civil das nossas letras" – pede a palavra e recrimina Graça Aranha. É vaiado pelos modernistas, com apupos de "Fora o impostor!", e lança o dito espirituoso: "Isso aqui está reduzido a um circo de cavalinhos!", recebendo de Agripino Grieco o comentário cortante: "E você é o cavalo!". Coelho Netto quer também falar e tem dificuldades com a algazarra formada. Suas reprimendas ao conferencista são incisivas: "Vossa Excelência está cuspidno no prato em que comeu"; e ainda lança a frase que, depois, correria a crônica da época, marcando em definitivo a imagem de Coelho Netto: "Eu sou o último heleno!". Os lances menores (mas não desimportantes) desse acontecimento que colocava o Rio de Janeiro novamente na berlinda da vida literária fervilham no noticiário da época e merecem ser recuperados com minúcia.¹² A capital brasileira tinha o seu momento de glória dentro do modernismo – o escândalo promovido no epicentro da cultura oficial não pode, portanto, ser entendido como mero acaso. Mário de Andrade, aliás, em carta de abril 1925 a Manuel Bandeira (a propósito de um artigo de Tristão de Athayde (Alceu) que considerava "um pouco... regionalista"), assim se pronuncia: "Essa gente do Rio nunca perdoará a São Paulo ter tocado o sino".¹³ Alceu Amoroso Lima, em suas *Memórias improvisadas*, retrata o derradeiro

¹¹ Trechos de "O espírito moderno" (G. Aranha, *Obra completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1968, p. 744-55).

¹² Os acontecimentos aqui narrados provêm de três fontes principais: "A revolução modernista" de Mário da Silva Brito, ensaio inserido em *A literatura no Brasil, Era Modernista* (3.ed., Rio de Janeiro, José Olympio/Universidade Federal Fluminense, 1986); "Um escandaloso tumulto na Academia" reportagem não assinada no suplemento literário carioca *Letras e Artes d'A Manhã* em 12 de fevereiro de 1950. Esse texto valioso reconstrói miudamente os passos da polêmica a partir de jornais da época e depoimentos; *Memórias improvisadas* de Alceu Amoroso Lima (Rio de Janeiro, Vozes, 1973).

¹³ Sobre a querela cultural entre São Paulo e Rio de Janeiro, no tempo modernista (e mais!), consulte-se a importante reflexão de João Cezar de Castro Rocha em "Relações perigosas. Cariocas, paulistas e o modernismo em três tempos" (*D. O. Leitura*, São Paulo, a. 20, jan./fev. 2002).

round desse “pugilato no Olimpo”, como foi apelidado na época o entrevero acadêmico: “À saída [...] vimos Coelho Netto carregado aos ombros por seus partidários. Imediatamente fizemos o mesmo [com Graça Aranha], como remate daquela sessão pouco acadêmica que foi afinal a tarde de *Hernani* Carioca do modernismo”.¹⁴ E Mário se refere, de passagem, ao marco dos modernistas dos cariocas. No artigo “Modernismo”, em janeiro de 1940, ao destacar o papel proeminente do autor de *Bilhetes postais* na vida literária da época, reconhece: “Coelho Netto era o grande estalão glorioso das nossas prosas, passeando nos ombros da turba, em oposição a Graça Aranha, quando foi da bagunça provocada por este na Academia”.¹⁵ Finalmente, como nota de pé de página necessária para fechar a crônica dos acontecimentos posteriores: em 19 de outubro, ao ver recusado seu projeto de “modernização”, apresentado à Academia dias após a conferência, Graça Aranha entrega, à instituição, sua carta de rompimento. No dia 26, entretanto, uma comissão, composta por Alberto de Oliveira, Afonso Celso e... Coelho Netto, vai ainda procurar o autor de *A viagem maravilhosa* em sua casa para demovê-lo da idéia, nele encontrando a decisão irrevogável.¹⁶

O jovem Sérgio Buarque de Holanda – que, nesse mesmo 1924, aos 22 anos, junta forças com Prudente de Moraes, neto, para lançar a revista *Estética*, apadrinhada em seu primeiro número por Graça Aranha – entra em confronto com Coelho Netto nas páginas do jornal carioca *O Brasil*. Em decorrência dos sucessos recentes na Academia, Sérgio afirma em um artigo que era “preciso descoelhonetizar a literatura”. Logo recebe a réplica de quem havia atacado e a discussão cresce até a tréplica.¹⁷ Conta a crônica do modernismo que Mário de Andrade, consultado por um jornalista sobre a conferência de 19 de junho, teria dito na ocasião: “a nossa vitória foi completa, agora. O sr. Graça Aranha matou a Academia. E nós viemos aqui apenas para isto – para acompanhar o enterro da

¹⁴ A. A. Lima, *Memórias improvisadas. Diálogos com Medeiros Lima*, Rio de Janeiro, Vozes, 1973, p. 101. *Hernani* é o drama teatral de Victor Hugo, cuja estréia no Théâtre-Français, em 21 de fevereiro de 1830, propiciou o enfrentamento entre “clássicos” e “românticos”.

¹⁵ M. de Andrade, “Modernismo (7-1-940)”, in *O empalhador de passarinho*, 3.ed., São Paulo, Martins/INL, 1972, pp. 186-7.

¹⁶ O acadêmico Mário de Alencar, em 26 de junho, pronunciara-se sobre a conferência de Graça Aranha, julgando inconveniente a reação dos pares: “E foi [...] com surpresa [...] que ouvi [...] as murmurações indignadas contra o que chamavam de indelicadeza e atrevimento agressivo do nosso colega. Mas, dos acadêmicos, não fora eu só que lhe dera palmas: deram-lh’as a meu lado e com igual calor Afrânio Peixoto, Aloysio de Castro e Silva Ramos, três dos nossos confrades que primam pelo esmero da educação, pela finura da sensibilidade e pelo tino das conveniências.” O pronunciamento de Mário de Alencar procurava contemporizar a situação.

¹⁷ Até a presente data não pude consultar os termos integrais dessa polêmica jornalística. Sobre a afirmação de Sérgio Buarque e o periódico *O Brasil*, dirigido por Almeida Brito e tendo na redação Peregrino Júnior, se tem notícia pelo professor Mário Camarinha em seu “Glossário de homens e coisas da Estética (1924/1925)” (*Estética*, edição fac-similiada, Rio de Janeiro, Gernasa, 1974).

Academia”. “A seguir comparava a Academia a um carro Ford de 40 cavalos, uma vez que Graça Aranha estava fora dela, mas Duque Estrada valia por... 2 cavalos”.¹⁸ No ano seguinte, Mário ainda reservará um riso escarninho para a instituição de imortais, na entrevista que iniciava o “Mês Modernista” em *A Noite*: “A academia é o jardim de Academus antes de Platão. Passeio amável aonde a gente vai falar sobre escandalinhos sociais. Só falta admitir mulheres lá dentro. Elas entrando lá a Academia fica o suco”.¹⁹ Em 1925, quando, para ser modernista e moderno é preciso trocar o verbo destruir pelo construir, e a figura de Graça Aranha se torna incômoda, ao se impor como chefe do movimento, Mário começa a se afastar das antinomias fáceis como “moderno” e “antimoderno”.²⁰ Toma então duas atitudes. A primeira, nesse mesmo ano, ao deixar claro sua maneira de compreender o movimento modernista: “A revolta é uma quebra de tradição, revolta acabou, a tradição continua evoluindo”. A segunda, em 12 de janeiro de 1926, traz o rompimento (inevitável) com o autor de *Canaã*, ao publicar em *A Manhã* do Rio de Janeiro, a “Carta aberta a Graça Aranha”. Nesse texto, repudia a personalidade daquele que considerava “o maior blefe do Modernismo”, mas, fora do perfil abjeto desenhado, declara sua admiração pelo “artista”.²¹

Talvez agora, com mais elementos historiográficos situando Coelho Netto entre modernistas, se possam recuperar as nuances daquela pergunta marota de Manuel Bandeira, formulada na carta de setembro 1925, referente à “concubinagem” de Villa-Lobos com o “último heleno”. Mário, ao que tudo indica na sequência do diálogo epistolar, não teria dado importância ao assunto, preferindo não comentá-lo, ainda que Bandeira insistisse em aludir, em carta 10 de outubro, ao “caso Villa-Coelho Netto”. Todavia, o autor de *A conquista* ainda será lembrado por esses dois carteadores exemplares do modernismo brasileiro. Bandeira, no ano seguinte, ao criticar a verbosidade e o pedantismo de Ronald de Carvalho em uma entrevista

¹⁸ In *O Brasil*, citado em “Um escandaloso tumulto na Academia” (*Letras e Artes, A Manhã*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1950, p. 15).

¹⁹ “Assim falou o papa do futurismo. Como Mário de Andrade define a escola que chefia”, *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1925. Consultar: M. de Andrade, *Entrevistas e depoimentos*, Org. Telê Ancona Lopez, São Paulo, T. A. Queiroz, 1983, pp. 16-20.

²⁰ Mário de Andrade escreve a Manuel Bandeira, em 18 abr. 1925: “[...] eu hoje sou um sujeito que tem muitas preocupações por demais pra me estar amolando com essas burradas de modernismo e passadismo. ‘Eu é que sou moderno!’ Ora, isso hoje pra mim não significa coisa nenhuma. Tenho mais que fazer. Não estou fazendo blague, não. É uma coisa que está a cem léguas de mim o modernismo [...] Ser moderno, ser antimoderno, ora bolas! Sou, isso é que é importante” (*Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., pp. 201-2).

²¹ Em 1944, quando Antonio Candido pede a Mário de Andrade sugestão de tese a ser apresentada em concurso de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o escritor enumera, entre outros assuntos, “1 – ‘Graça Aranha [...] imagino sempre que a filosofia dele é mais respeitável, do que nós a pensamos’” (“Mário e o concurso”, in *Recortes*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 242).

em jornal,²² retoma “O lado oposto e outros lados” de Sérgio Buarque de Holanda, publicado na *Revista do Brasil*, artigo que arrolava, entre os pontos frágeis do modernismo, a “literatura ‘bíbelô’” – verbalista, expressão do academismo –, endereçando-se a Ronald e Guilherme de Almeida. Assim, o poeta de *A cinza das horas* acredita flagrar, no cerne do ideário estético da vanguarda, a contradição que aponta em carta ao amigo Mário de Andrade: “Por causa disso [academismo, verbalismo] vocês têm arrastado pela rua da amargura o Coelho Netto, o Rui Barbosa pra só citar os maiores talentos verbais que tivemos”.²³ Este se defende na resposta, frisando uma postura intelectual e artística independente: “O vocês não pertence a mim, porque nunca me lembro de ter atacado o Coelho Netto. Quanto ao Rui caçoei do verbalismo dele porque sou admirador do estilo dele e sei que tem obras-primas que eu estimo [...]”.²⁴ E, para melhor explicar o ataque que ele próprio fizera, em 1917, aos principais poetas parnasianos brasileiros, entre os quais Olavo Bilac, na série de sete artigos denominados “Mestres do passado”, no *Jornal do Commercio*, ressalva que já havia se “penitenciado” publicamente. De fato, em 1923, Mário assumira, na crônica “Convalescença” que os artigos tinham sido “exageros infecundos”.²⁵

Mário de Andrade, leitor de Coelho Netto, pode ser buscado nos livros presentes em sua biblioteca, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Deixando habitualmente notas de leitura à margem das páginas, o autor de *Paulicéia desvairada* promove diálogos com os autores dos livros. Essas anotações revelam embates e assimilação de conceitos ou de pressupostos artísticos, desvelando matrizes de uma formação intelectual, conforme formulações do projeto “Biblioteca de escritores”, coordenado pela Prof.^a Telê Ancona Lopez. Focalizando a marginalia de Mário de Andrade, esse trabalho, que vem se realizando sistematicamente no IEB-USP, configura uma rica proposição de conhecimento da mobilidade do saber em suas complexas formulações.²⁶ São poucos os livros de

²² Trata-se da reportagem “Uma hora com o sr. Ronald de Carvalho. “Ser moderno, diz o ilustre “leader” do modernismo brasileiro, não é ser futurista nem esquecer o passado” – Como o autor de *Toda a América* explica e define o movimento moderno no Brasil” (S. ind. bibliográfica, s. d. [Rio de Janeiro, nov.? 1926], Série Matéria Extraída de Periódicos, Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

²³ Carta a Mário de Andrade, 6 de novembro de 1926 (*Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 320). Manuel Bandeira, nas *Noções de história das literaturas* (1940) emite o seu juízo sobre Coelho Netto: “A sua obra, que é das mais abundantes da nossa literatura, se distingue pela riqueza do vocabulário, às vezes de difícil compreensão pelo abuso dos arcaísmos” (São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1946, 3.ed., p. 370).

²⁴ *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., pp. 320, 322.

²⁵ “Convalescença”, *Revista do Brasil*, a.8, n. 92, v. 23, ago. 1923.

²⁶ O projeto integrado de pesquisa, Bibliotecas de escritores envolve os projetos em curso *A presença da literatura do expressionismo nas leituras de Mário de Andrade: recuperação de suas notas marginais*, de Rosângela Asche de Paula, mestrado, e *A presença do futurismo italiano na biblioteca de Mário de Andrade: recuperação de suas notas marginais*, de Pedro Paulo da Silva, iniciação científica.

Coelho Netto no acervo do modernista, mas foram bem selecionados dentre os mais de cem volumes por ele publicados. Lá estão os *Contos escolhidos*, edição de 1914 (Bahia, Livraria Catilina), as narrativas de *Treva*, 1916, (2ª ed., Porto, Chardron), e *Rei Negro: Romance bárbaro*, na 2ª edição, de 1926 (Porto, Chardron).²⁷ Coincidentemente, 1926 é a data em que Mário assevera ao amigo Bandeira “nunca ter atacado” Coelho Netto. Os demais livros podem, eventualmente, ter moldado o retrato do escritor Mário quando jovem, com seus poemas de alma “passadistas”, de que hoje, apesar de terem sido muitos, restam poucos exemplos.²⁸ Não foi à toa que Carlos, o irmão mais velho, ao receber para julgar, em 1914, um soneto dessa leva, não hesitou em apreciar o “valor clássico” dos versos: “Lembrei-me logo do nosso Coelho Netto e de suas *farautas*, *algares*, *paredros*, e companhia, para só falar das mais conhecidas”; mesmo declarando, na carta, restrições: “Não posso deixar a propósito, de externar um pensamento meu quanto a essa orientação clássica, e é que a toada grega, [em] que [a] oferta[?] torna-a tão artificial, tão pretensiosa que faz perder metade do gozo musical do verso ou prosa e conseqüente prazer literário”.²⁹

Nesse caso, estabelecer uma possível data de leitura transcende a mera verificação do ano em que livro foi editado, como fiz preliminarmente. É possível que sejam da década de 1910 as notas marginais a lápis no exemplar de *Treva*, demonstrando preocupações estilísticas de Mário. Já no parágrafo inicial do conto “Bom Jesus da Mata”, no primeiro volume, percebe-se o leitor estupefato com um longo período (11 linhas!), de imbricadas subordinações: “Que frase!”, exclama na margem esquerda do trecho. No mesmo conto, um pouco adiante, o espanto é reiterado: “Que frases enormes!”. Em outro passo, o severo leitor detecta uma cacofonia, e sublinha os “d” e “t” da expressão “cidade de tão torpe”. Pode-se igualmente imaginar, no mesmo período, isto é, nas leituras da mocidade, a existência do interesse por frases sentenciosas que, grifadas, sugerem a presença de uma espécie de empatia. Assim acontece no trecho sublinhado de “Alvorada”, em *Contos escolhidos*: “Sempre vivi de esperanças, foi o meu erro e foi a minha grande força”. Ou ainda, no que foi destacado pelo traço à margem, delimitando

²⁷ No “Fichário Analítico”, espécie de enciclopédia para uso pessoal de Mário de Andrade, em seu Arquivo, localizam-se duas fichas com a chamada “Coelho Netto”. Determinam remissivas para eventuais estudos: 1 “Discurso do Sr. João de Fontoura, Rev. da Ac. Brasileira de Letras, anais, 1937, v. 53, p. 172; 2. “[Coelho Netto] por A. Motta, Bibliografia etc R. do B., 1919, X.

²⁸ Em 30 de janeiro de 1942, Mário de Andrade escrevia em carta a poetisa Henriqueta Lisboa: “Eu tinha em 1917, inéditos, talvez uma três centenas de sonetos, umas nem sei quantas poesias, vários contos. Muita dessa coisa palavra-de-honra que eu julgava excelente, algumas adorava” (*Querida Henriqueta*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1990, p. 71-2). Essa vultosa produção pode ser acusada até em livros da biblioteca de Mário. Em sua biblioteca, o exemplar de *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho, poeta da predileção juvenil de Mário, traz na página de rosto um esboço de soneto, ainda desconjuntado.

²⁹ Carta de Carlos Augusto de Andrade, 27 out. 1914 (Série Correspondência, Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

afirmação desiludida do narrador, em “Corações loucos”: “Vivo só, inteiramente só. Toda aproximação é egoísta – duas criaturas não se ligam senão para se destruir: o amor é uma parasita, a amizade é um polipo. Vivo só. O meu companheiro é o sol – Vivo com ele na melhor harmonia, não o aborreci ainda, porque a noite encarrega-se de o fazer desejado”.

Essa hipótese que supõe o leitor nos anos 1910, necessita, porém, de reelaboração quando depara com outras notas que consignam o Mário de Andrade pesquisador da cultura popular, em trabalho mais ostensivo a partir dos anos 20. Em *Treva*, por exemplo, assinalam a fala de uma curandeira, escrevendo “medicina pop.” à margem do trecho: “É do peito. Já vi uma menina morrer assim. Não há como botar uma chave nova na boca; cessa logo” (“Bom Jesus da Lapa”). Algo semelhante acontece em “Os velhos”, nos *Contos escolhidos*, quando Mário sublinha a palavra “curiangû” e cria o expoente “(1)” que se liga ao comentário na margem inferior: “(1) No interior de S. Paulo nunca ouvi curiangû, se não curiangô”. Esse emparelhamento de interesses distintos do escritor/leitor pode, evidentemente pressupor mais de uma leitura, em épocas diferentes. No *Rei Negro*, a perspectiva do estudioso está presente nas chamadas para as pesquisas de cunho musical. Deste modo, “Zoof.” traduz a busca de dados sobre Zoofonia e as cruzetas marcam verbos na esfera da música, distinguindo verbos como “cucuritavam”, “cantarola”, “uma sanfona zaguinchava fanhosa” etc. No final do capítulo IV do romance, a nota “Congos” rabiscada diante do parágrafo onde o narrador descreve a dança dramática de origem africana, fazendo que a expressão lingüística mimetize movimentos e sonoridades, testemunha o esforço de recolher elementos destinados, certamente, ao *Dicionário musical brasileiro*, projeto que encetara no final dos anos 20. Curiosamente, esse seria um dos trechos selecionados por Prof. Alfredo Bosi na *História concisa da literatura brasileira* para exemplificar a “linguagem virtuosística e acumulativa por excelência, voltada para o efeito plástico e sonoro”.³⁰

Percorrer os passos do leitor Mário de Andrade em sua biblioteca pode revelar surpresas. Em “Fertilidade”, nos *Contos escolhidos*, o escritor modernista se detém em uma fala matuta exibida pelo regionalismo de Coelho Netto: “Ocê, seu grandaião, ocê que é o macota do bando, toma sentido!”. Sublinha ali a palavra “macota”; procura descobrir o significado dela, anotando a lápis no livro: “brazileirismo – homem influente”. E esse mesmo vocábulo será posteriormente aproveitado em *Macunaima* (1928), no capítulo “Ci Mãe do Mato”: “Vinha uma tonteira tão macota que o sono principiava pingando das pálpebras dele”.³¹ A despeito do deslizamento de significação no emprego da palavra, o sentido de “vulto”, “importância” permanece. Assim, em exemplos como esse, vislumbra-se

³⁰ A. Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, 3.ed., São Paulo, Cultrix, 1988, p. 228.

³¹ M. de Andrade, *Macunaima*, Edição crítica de Telê Ancona Lopez, 2.ed., São Paulo, ALLCA XX/Edusp, 1996, p. 24. Vale lembrar que o valioso *Roteiro de Macunaima* de M. Cavalcanti Proença (6.ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987) traz um “Glossário” para a leitura da rapsódia. Nele, Cavalcanti Proença abona “macota” (com o sentido de “grande, excelente, importante”) por meio de citação do livro regionalista *Leréias* (1945) de Waldomiro Silveira.

o diálogo de criação que dissolve oposições culturais estanques, ao juntar um “passadista” e um “futurista” – se fossem aqui adotadas expressões correntes na década de 20.

Coelho Netto, apesar dos ataques que recebeu dos modernistas – e dos quais suas cartas são testemunhos – permaneceu sempre em concordância com a sua proposição artística. Cultivava a língua como se prestasse culto “a uma herança sagrada”,³² tinha o “amor pelas palavras”³³ – como julgou Lúcia Miguel Pereira. E via nesse procedimento – em parte coerente com a época literária em que viveu – a expressão de uma fulgurante espontaneidade: “Escrevo naturalmente, como a árvore dá fruto”, confidencia em carta ao amigo Fernando de Azevedo. Mas Coelho Netto, obscurecido pela camada de repúdio dos modernistas, tem sido pouco lido e estudado. Ao lado do verbalista voluptuoso das crônicas de *Frechas* (1923) – em que a atitude crítica e o riso demolidor submergem em um mar de vocábulos raros – permanecem instigantes à leitura seus romances, alguns deles memorialísticos, inventariando o idealismo “boêmio” *fin-de-siècle* do grupo de jovens escritores do qual faziam parte Olavo Bilac, Paula Nei, Artur Azevedo, entre outros. Sobreviveriam certamente à pátina do tempo muitos contos de cuidada fatura e rica elaboração de “casos”, bem como as crônicas de caráter biográfico, como aquelas em que o escritor relembra os amigos Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo ou ainda as que se prendem a relatos testemunhais como “O carnaval de outrora”, de *Bazar* (1928). Desperta a atenção o articulista cômico dos *Bilhetes postais*, livro de 1894.³⁴

Ironicamente, algumas de suas idéias estéticas não ficariam descabidas em páginas da modernista *Klaxon*, como esta, divulgada na crônica “O titã”, de 1921, relativa a Castro Alves:

Entende certa crítica de miopes, ou fanáticos, que submete a obra literária ao processo estreito dos padrões, pretendendo estabelecer paralelos absurdos entre rígidas linhas retas e curvas caprichosas, que a Arte deve ser vista e traduzida, não de acordo com o temperamento de

³² Coelho Netto, “A língua vernácula”, in *Páginas escolhidas*, op. cit., p. 157.

³³ L. M. Pereira, *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*, Belo Horizonte, Itatiaia/Edusp, 1988, p. 259.

³⁴ *Bilhetes postais* foi reeditado em 2002 (Campinas, Mercado de Letras/Cecul/Fapesp). Resultado de apurada pesquisa de Ana Carolina Feracin da Silva, a nova edição contém a série completa da coluna “Bilhetes postais”, publicados entre 1892 e 1893, em *O Paiz*. A edição de 1894 configurava-se como uma seleta organizada pelo próprio cronista. Escritos em momento de turbulência na consolidação da República, em um jornal governista e sob os olhos da censura, as crônicas, destinadas preferencialmente a um público feminino, valorizam o tom “ameno e frívolo”. Assim, camufladas, puderam, segundo demonstra a organizadora do volume, garantir “uma razoável liberdade crítica a Coelho Netto” para comentar os (des)caminhos políticos do governo de Floriano Peixoto. Testemunha da Revolta da Armada de setembro de 1893, o cronista pouco se aprofunda na questão política central do movimento, afinal “Que diabo tenho eu de intrometer-me onde não sou chamado?”. Contudo, seus comentários aparentemente fortuitos historiam o conflito pela ótica dos cidadãos comuns. Em outros assuntos do cotidiano, Coelho Netto intervém apaixonadamente, apontando as mazelas do Rio de Janeiro: crianças abandonadas, calçamentos precários, dinheiro falso, a indiscriminada derrubada de árvores por decretos do Conselho da Intendência Municipal, o preço abusivo da carne, os roubos, etc. Os trocadilhos e as alusões jocosas a personagens da época acusam o cronista cômico.

quem a exercita, dando no verso ou no período a expressão sincera da emoção que a gerou, mas segundo a tabulatura oficial, constrangida em normas fixas de um modelo único, sem independência, sem arrojo, sem variedade.³⁵

De epistolografia coelhonetiana pouco se sabe. Paulo Coelho Netto, em 1945, afirma desistir da empreitada de levar adiante uma edição da correspondência reunida de seu pai, pois não lograra contar com a "cooperação alheia" – aqueles que possuíam cartas do autor de *Banzo*.³⁶ Conseguiu publicar apenas um apanhado pequeno de missivas nas *Páginas escolhidas* (1945). As cartas aqui transcritas encontram-se em edições de difícil localização ou permanecem inéditas. Interessam pelas referências que o escritor faz aos adversários "futuristas", cujas campanhas o machucavam fundamente,³⁷ e pelo intrínseco valor biográfico, inerente ao gênero epistolar. São, enfim, missivas pungentes, doidas, lavradas de grandeza moral e artística. Entre os correspondentes de Coelho Netto aqui selecionados, contam-se o amazonense Péricles Moraes (1882-1956) que, em 1926, traz a lume o livro *Coelho Netto e sua obra*, o jornalista Mário Guastini (1884-1949, do *Jornal do Commercio* e de *O Estado de S. Paulo*), também autor de *Na caravana da vida*, crônicas memorialísticas (1939), o ficcionista e teatrólogo Cláudio de Souza (1876-1954) confrade acadêmico a partir de 1924 e o educador Fernando de Azevedo (1894-1974).

Cartas

[Rio de Janeiro, 1923]

Meu caro artista [Péricles Moraes]

[...] Anuncia um estudo sobre a minha obra. Guarde-o, por quem é! Não o publique porque, certamente, virá assanhar a matilha que me ladra ao nome, ameaçando-me até a vida privada com os colmilhos anavalhados. Um de tais mastins, aproveitando-se do meu acabrunhamento, latiu uma moxinifada infamante que os jornais repeliram. Não a podendo publicar edita-a em leitura avinhada por todas as baiticas suburbanas. Há outros, todos ferozes. Se é meu amigo não dê a lume o que escreveu sobre o meu apoucado trabalho. Deixe para enflorar o meu túmulo, que não tarda em abrir-se, ao lado do de meu filho. [...] Confrade e admirador sincero

Coelho Netto.

(“Cartas”, in Coelho Netto, *Páginas escolhidas*, Org. Paulo Coelho Netto, Rio de Janeiro, Vecchi, 1945, p. 202. Data atestada pelo organizador do volume)

³⁵ Coelho Netto, “Castro Alves”, in *Páginas escolhidas*, op. cit. pp. 39-40.

³⁶ P. Coelho Netto, “Prefácio”, in *Páginas escolhidas*, op. cit. p. 14.

³⁷ Outro “passadista”, Amadeu Amaral, também se queixara em carta a Mário de Andrade das afrontas recebidas pelos modernistas: “O senhor é da vanguarda, e a vanguarda não costuma ser amável com os do coice. O senhor está ligado em minha terra, que é também a sua, a uns tantos escritores e poetas que me têm feito uma guerra surda, surda quase sempre, às vezes aberta, pagando com maledicência e com epítetos de todo tamanho a atitude altamente imparcial, serena, compreensiva e até simpática que sempre mantive, por temperamento, por sistema, por curiosidade de espírito, por esforço de equanimidade, diante de todos quantos, bem ou mal, aparecem a labutar neste país analfabeto” (“Amadeu Amaral”, *O empalhador de passarinho*, op. cit., p. 182).

[Rio de Janeiro, 1924]

[Mário Guastini]

[...] Para desespero dos futuristas aqui vai a minha primeira crônica. Não sei se o público de São Paulo a aceitará de boa sombra ou se lhe voltará a face, já aparceirado com os do “bota abaixo”. Eu sou o que sou e já agora, aos 60 anos, não posso tornar-me... outro”.

(“Coelho Netto”, in M. Guastini, *Na caravana da vida*, Rio de Janeiro, Pongetti, 1939, p. 16-7).

*

Rio de Janeiro, 10 de março de 1925.

Meu caro Fernando

Não e não!

O teu estudo, por mais que nele fosses fiel e justo, reduzindo-me ao que, em verdade, sou, ainda assim seria uma glorificação e eu não a quero – temo-a. Sangram cada vez mais, e dolorosamente, as feridas com que me pagam o trabalho porfiado de quarenta anos a abrir caminho em selva brava os moços da caravana triunfal da Estética Moderna.

Agora mesmo no Paraná anda o meu nome abocanhado por dois mastins da borda. Reduzem-me a um trapalho sórdido, acho que devo deixar livre o campo da literatura (naturalmente para que retoucem à vontade) porque sou e sempre fui uma nulidade pretensiosa, só isso. Um deles conhece-me tanto que afirmou haver-me visto na Avenida de sobrecasaca e cartola. De sobrecasaca e cartola... eu! Como me conhece, a mim, seguramente conhece a minha obra.

Não, meu querido Fernando, deixa-me quieto, à sombra, e acredita que se não fossem as minhas grandes responsabilidades de chefe de família eu encolhia-me de vez, vivendo como modesto mestre de meninos, que sou, pelo menos *in nomine* para livrar-me dos cascos dos domadores da situação. Não e não! [...]

Coelho Netto.

(Carta datada: “Rio-10 de março de 1925”, autógrafo a tinta preta, 2 folhas, papel branco, monograma, 20,0x12,7 cm, furos de arquivamento, Arquivo Fernando de Azevedo, IEB-USP).

*

Meu caro Fernando

Aqui vai o dejeito de um dos vulcões de lama.

E não queres que eu ande aos engulhos, enojado de tanta sordície.

Teu

Coelho Netto

[Rio de Janeiro], 12 de março de 1925.

(Carta datada: “12-III-925”, autógrafo a tinta preta, 1 folha, papel branco, filigrana, 16,7 x 11,2 cm, furos de arquivamento, Arquivo Fernando de Azevedo, IEB-USP).

*

Rio de Janeiro, 19 de junho de 1925.

Meu caro Fernando

Falas em enfermidades... Que direi eu, que me arrasto pela casa abordoado a um bengalão, com as pernas expluídas em solfatáras de furúnculos? As dores são muitas, em verdade, mas

o que mais me incomoda é o nojo que me causa a matilha do futurismo açulada contra mim por esse cabotino (de talento, infelizmente) que é o Graça Aranha. Conto todas as manhãs, com uma surriada de insultos que me traz o correio – os solecismos e o papel tabernário denunciam-lhe a origem. Com isso faço o meu *petit déjeuner*. Hoje a malta reúne-se em ágape, a carrascão. O vômito resultante virá sobre mim. Há de cõnvir que isso nauseaia; tenho às vezes, gana de romper, à bruta, com essa cainçalha, mas valerá à pena meter-me em charqueiral para correr os podengos? Não, não vale. Deixo-me ficar com a furunculose que se me refilou às pernas, talvez aumentada pela gente futurista.

Não acredito em revoluções com tal chefe aranhaço. Por enquanto a coisa não tem passado de ismos em barda e plágios. Isso é pouco. Enfim, sempre me restam amigos como tu para consolo das minhas horas amargas [...].

Coelho Netto.

(Carta datada: "Rio, 19-VI-925", autógrafo a tinta preta, 2 folhas, papel branco, monograma, 20,1x12,9 cm, furos de arquivamento, Arquivo Fernando de Azevedo, IEB-USP).

*

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1925.

[...] Os que me condenam pelo que faço não me conhecem, nem procuram conhecer-me. Eu serei tudo, meu caro Fernando, tudo! Inenon um hipócrita, um artificioso. Escrevo naturalmente, como a árvore dá fruto; o que me sai da pena vem do fundo d'alma, espontaneamente, como a seiva sobe pelo tronco d'árvore, desde as raízes até o extremo do ramo mais fino [...].

Coelho Netto.

(Carta datada: "Rio, 15 de agosto, 925", autógrafo a tinta preta, 2 folhas, papel branco, monograma, 20,1x12,9 cm, furos de arquivamento, Arquivo Fernando de Azevedo, IEB-USP).

*

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1926.

Meu amigo [Péricles Moraes].

Acabo de ler o seu generoso livro sobre o "pobre de mim", como diria Fernão Mendes. Quanta lenha para o auto da fé que me espera! Em tal pira, de arômatas como os troncos do Libano, a morte será deliciosa. Obrigado! Muito Obrigado! Nada acrescentarei ao que disse de mim com tão formosas palavras senão que, no assunto "escolas"... nunca as frequentei. Ando em Arte como transito na cidade – por todas as ruas e travessas, praças e vielas, ora no perímetro urbano, ora nos arrabaldes ou por campos e montes, gozando o silêncio ou no recesso das matas ouvindo águas e passarinhos. Quando alguém pretende alistar-me em escolas... deserto. Nada como a liberdade! Hoje um romance da vida, tresandando a miséria, no dia seguinte uma digressão pelo antigo ou vôo no ideal. Os que se arreigam a escolas *escreviam-se* e eu fui e serei sempre um insubordinado. Parodiando Molière eu digo – "Je prends mon bien où je le trouve". [...] A arte é musical e no pentagrama as notas são várias e vários os tons. Nada de monotonia. Onde iria se entrasse pelos comentários! Faço ponto agradecendo-lhe, com todas as veras do coração, a grande generosidade ainda que esteja certo de que dela me virão horas de muito amargura. [...]

Coelho Netto.

("Cartas", in Coelho Netto, *Páginas escolhidas*, op. cit., p. 210-1).

*

Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1927

Meu amigo [Péricles Moraes].

[...] Suspeita o amigo que eu me haja sentido com algumas das observações que fez. Não me lembro do que escrevi, afirmo-lhe, porém, que de todo o seu livro guardo uma impressão de tão doce carinho que, nos tormentos que me excruciam, cada vez mais intensos: a enfermidade sem cura de minha mulher, que se me resvala dos braços para o túmulo, as pedradas constantes das horas que me assediavam, um dos meus olhos a escurecer de fadiga na luta sempre travada com a Vida e com a Morte – nele encontro um dos meus mais eficazes lenitivos. Os reparos que opus às demasias de louvores, porque o meu amigo o escreveu mais com o coração do que com o cérebro. Disse que do seu livro me adviriam horas de muita amargura (e não de chegar, asseguro-lhe) referindo-me ao furor em que ele assanhará a Inveja, Escolas, estilos... isso me monta! Alguma coisa me há de ficar das leituras que faço e prouvera a Deus que ficasse tudo! Não me alistei neste ou naquele grupo porque sempre amei a liberdade, a independência em tudo e, em Arte, vou para onde me leva a Fantasia ou me atrai a Beleza: ora sorrindo, ora sombrio, compondo "pastorais" ou conduzindo turbas trágicas como as que povoam "Fé". O que há de mim para o amigo é uma imensa gratidão, isto sim! [...]

Fala-me do seu exílio à margem do Solimões, no vilarejo agreste de Coari. Como o invejo, meu amigo! Disso ando eu tão precisado que chego a acreditar que remocaria de corpo e de alma se, como Timon, deixasse este Coliseu, no qual as feras são... os homens, e me recolhesse a um dos círculos desse Inferno verde. Enfim, já agora, com 63 anos de idade e enfermo, o melhor é deixar-me ficar por aqui, à beira da terra que me espera. [...]

Coelho Netto.

("Cartas", in Coelho Netto, *Páginas escolhidas*, op. cit., p. 212-3).

*

[Rio de Janeiro, post. 29 novembro de 1931].

Claudio [de Souza]

A hora em que te escrevo está Colombo descobrindo a América, ao som da música, com a tropa em grande gala. [...]. Eu, como sempre, isolado na minha ilha do Roso, como Robinson, vendo em que param as modas [...]. Apesar de todo o meu retraimento assediavam-me importunos... de vários interesses. Os que mais afluem, neste momento, são os candidatos à vaga de Alberto de Faria. Que chusina, meu amigo! [...] O Azeredo vai candidatar-se. Estranho o gesto e sinto que parta de um amigo, que muito prezo e ao qual terei de dizer "não", por motivo que sabes. Tenho a minha palavra empenhada [...]. Demais, meu amigo, a Academia é uma instituição literária e não mostruário de notabilidades. Nesse andar seremos forçados a eleger amanhã o Vicente Ferreira, que é também expoente... da verborragia indígena. [...]. Cá por casa as oscilações [...] de sempre. Gaby sofreu tormentos de reumatismo, eu tive uma semana de gripe. Não chamei médico e a coisa, vendo que perdia tempo comigo, passou adiante, deixando-me em paz, a moer cérebro. O mais, como deixaste, o futurismo é que está a cair de podre em todos os ramos das letras e das artes. [...]. Abraço-te.

Teu

Coelho Netto.

("Correspondência/Carta de Coelho Netto a Claudio de Souza". Arquivos Implacáveis de João Condé, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1956. Data atestada pela referência ao escritor Alberto de Faria, falecido em 29 de novembro de 1931, de quem se disputava a cadeira na Academia Brasileira de Letras).